

Eça de Queirós e a paisagem oriental

Prof. Me. Rosana Carvalho da Silva Ghignatti¹

Resumo:

O romancista Eça de Queirós empreendeu uma viagem ao Oriente em 1869, motivado pela inauguração do Canal de Suez. A partir da leitura dos seus relatos de viagem, postumamente publicados com o título O Egito. Notas de viagem (1926) percebe-se as impressões pessoais do autor em relação ao que ele viu naquelas paragens. Ressalte-se que esta vivência de aproximadamente três meses no Egito, na Palestina e na Alta Síria foi decisiva para a carreira do escritor, pois dela retirou elementos de inspiração para escrever textos ficcionais, jornalísticos e epistolares. O estudo da paisagem oriental descrita pelo romancista permite avaliar a importância desta viagem, pois a oportunidade de entrar em contato com outra cultura, que outrora o autor pôde apenas visualizar pelas suas leituras, acurou mais ainda a sua imaginação. A paisagem oriental é presença constante na obra deste escritor, o que faz surgir indagações e teorizações acerca do tratamento dado aos aspectos culturais relacionados ao Oriente.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa, Oriente, Eça de Queirós.

O primeiro contato que Eça de Queirós manteve com o Oriente foi em 1869, durante a inauguração do Canal de Suez. Estimulado pelo convite do amigo e futuro cunhado Luís de Castro Pamplona, conde de Resende, o romancista partiu de Lisboa, em 23 de outubro de 1869, e visitou lugares como Alexandria, Cairo, Suez e a Terra Santa. Após fazer uma peregrinação pelos lugares míticos do Oriente, Eça retornou a Lisboa em 3 de Janeiro de 1870.

O tom de naturalidade e fluência com que o romancista descreve as suas impressões dos lugares históricos do Oriente denota que o escritor já havia feito leituras preparatórias antes de empreender essa viagem, demonstrando em seus *Relatos*² um vasto conhecimento sobre a cultura daquela região. Logo, depreende-se que Eça de Queirós teve oportunidade de conhecer o Oriente através de duas importantes fontes: a leitura dos estudos orientalistas feitas antes de sua viagem, pela qual o escritor transita entre o mito e a realidade; e a sua visão particular quando lá esteve pessoalmente.

Ao visitar lugares distantes geograficamente da Europa do seu século, Eça de Queirós utiliza-se da paisagem oriental para refletir sobre aspectos culturais e sociais daquele lugar, escrevendo *Relatos de viagens* ricos e substanciosos, com um intenso acúmulo de detalhes e divagações históricas, e imprimindo, conseqüentemente, um teor artístico à sua produção, apesar de estarem ainda na condição de textos inacabados³. O romancista escreveu impressões de sua viagem em cadernos de bolso ou em formas de papéis almaço, oferecendo ao leitor ricas narrativas sobre os costumes do Oriente Médio, que oscilavam entre uma escrita mítica, fruto do imaginário oriental daquela época, e uma escrita realista, provável prenúncio do seu pendor artístico e literário. Neste caso, nota-se em quase todo o relato a “tensão entre o elemento lendário e a realidade, de que é testemunha o viajante, cujo olhar opera a contaminação do Egito da fábula – que tem por modelo um Oriente convenientemente idealizado – com o Egito real (OLIVEIRA, 1997, p. 697).

¹ Professora visitante da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus XXII. Mestre em Literatura e diversidade cultural (UEFS).

² Aqui considero *Relatos de viagem* ao conjunto de textos que o escritor produziu sobre o Oriente, tais como jornais, cartas e às próprias notas de viagem a exemplo do *Egito*, da *Palestina* e *Alta Síria*.

³ O livro *O Egito. Notas de viagem* foi publicado pelo filho de Eça, José Maria, em 1926. Em 1966, a primogênita do romancista, Maria Eça de Queiroz de Castro, publica *Folhas Soltas*. Estes dois livros são o resultado da reconstituição dos passos de Eça de Queirós pelas terras orientais, através de anotações do próprio romancista encontradas 57 depois de sua jornada.

Os *Relatos de viagem* publicados pelos filhos de Eça denotam a riqueza de detalhes descritivos que já caracterizaria o autor de *Os Maias*, haja vista a quantidade de matéria exposta nestes textos póstumos, que variavam desde a intensa movimentação das ruas do Cairo até o silencioso e enigmático local do Santo Sepulcro, descrito no relato sobre a Palestina.

O século XIX foi um momento de muitas descobertas científicas, que se estenderam até o Oriente, especialmente no campo da egiptologia, estimulando uma série de pesquisas naquele local e uma curiosidade especial por parte de historiadores, políticos e artistas sobre a cultura e os costumes daquela região. Junte-se a isso, a inauguração do Canal de Suez, em 1869, e também a inauguração da Ópera do Cairo, em 1876, acontecimentos marcantes que levaram a presença da alta sociedade européia para o Egito e atestaram a definitiva mudança da paisagem local diminuindo assim a enorme distância entre o Oriente e o Ocidente (SAID, 1990).

Homem de seu tempo, filho de uma cultura etnocêntrica, apesar de ser ligado a um país periférico e distante culturalmente dos grandes centros da Europa, Eça de Queirós produziu os seus textos orientalistas de acordo com os principais acontecimentos de sua época, não deixando de registrar, principalmente as particularidades que envolveram o evento da inauguração do Canal de Suez. O artigo intitulado “De Port-Said a Suez” publicado pelo escritor no Diário de Notícias em 1869, possibilita-nos uma ampla visão do que era a cidade de Por-Said e o que ela representou para o contexto político mundial de sua época. Eça denuncia o caráter de cidade improvisada e ocidentalizada, pronta para suprir temporariamente as necessidades urgentes de profissionais e técnicos encarregados pela construção do canal:

Por-Said é uma cidade improvisada no deserto. É uma cidade de indústria e de operários: estaleiros, forjas, serralharias, armazéns de materiais; aparelhos destilatórios. A sua construção foi determinada pela necessidade de haver um vasto posto, que fosse uma estaca de navios, à entrada do canal, e primitivamente para que engenheiros, maquinistas, directores de obras tivessem um centro [...] Apesar de seus doze mil habitantes, não há ainda ali um viver definitivo e regular. Não há estabelecimentos feitos na esperança de duração: não há comércio fixamente estabelecido: tudo tem o aspecto de uma feira, que hoje ganha e se anima, e amanhã se levanta e se dispersa (QUEIRÓS, 1951, p. 13 e 14).

A paisagem oriental de Port-Said é descrita por Eça de Queirós em tons de crítica e denúncia. O romancista não hesitou em apontar as condições subumanas dos operários que trabalharam para edificar o canal, bem como as incontáveis mortes que ocorreram em todo o período de sua construção. A desagregação desta mesma paisagem também foi apontada pelo escritor pois observa-se que a ação do homem sobre o meio ambiente para construir o canal de Suez, alterou significativamente a paisagem original desta pequena cidade do Oriente. Segundo Roberto Lobato Corrêa, “as formas espaciais criadas pela ação humana geram paisagens culturais impregnadas de significados” (2007, p. 16). No caso específico de Port-Said, observa-se que a ação do homem em edificar o canal de Suez esteve claramente implicado ao processo geo-político europeu, pois é notório os interesses ambiciosos para subjugar e explorar a região alheia, inferindo-se o poder imperialista do Ocidente.

Eça de Queirós viajou para o Oriente com a mente repleta de conhecimentos livrescos acerca daquele lugar. Supõe-se que o escritor adquiriu informações vastas que variavam desde a estrutura sócio-econômica do Egito, da qual faz várias referências quando da situação penosa do felá (camponês egípcio), até concepções acerca da religião, dos estilos artísticos e arquitetônicos produzidos milenarmente. O romancista transita assim em dois caminhos que se interpõem constantemente em seus escritos: a idealização romântica, originária de suas leituras preparatórias de viagem, e a dura realidade deste ideal, quando percebe ruas e povos andrajosos, sem a beleza milenar das construções edificadas em tempos remotos, contribuindo, desta maneira para a descrição realista da desagregação da paisagem oriental.

O primeiro grande desapontamento de Eça frente a uma realidade à qual não esperava deparar-se, encontra-se no capítulo sobre Alexandria. Idealizando construções monumentais e fascinantes, colhidas de suas pesquisas preparatórias, Eça vê-se cercado por uma decadência inesperada, ao imaginar que “ia pisar o solo de Alexandria [...] talvez na mesma água em que outrora tinham fundado as galeras de velas de púrpura [...]”, para, logo a seguir, concluir: “Oh! Querida Alexandria, cidade de Cleópatra [...] e dos padres da Igreja, como tu nos foste fastidiosa e pesada” (QUEIRÓS, 1946, p. 40).

Homi Bhabha, ao fazer uma releitura da semiótica do poder orientalista, proposto por Said, aborda a questão do discurso produzido pelos europeus. Admitindo as ideais de Said, Bhabha também acredita que há uma “polaridade [...] no próprio centro do orientalismo [...] por um lado, um tópico de aprendizado, descoberta, prática: por outro lado, território de sonhos, imagens, fantasias, mitos, obsessões e requisitos” (1998, p. 112). Quando Eça de Queirós clama por um Oriente perdido, em busca da glória e da arquitetura monumental que esperava encontrar, ele está mergulhado no “território das imagens” pré-estabelecidas por suas leituras. Bhabha explica mais claramente o pensamento de Said sobre o terreno dos sonhos e imagens da seguinte forma:

[...] dá-se a essa linha de pensamento uma forma análoga à da construção do sonho quando Said se refere explicitamente a uma distinção entre “positividade inconsciente”, que ele denomina **orientalismo latente**, e as visões e saberes estabelecidos sobre o Oriente que ele chama de **orientalismo manifesto** (BHABHA, 1998, p. 112. Grifos do autor).

Desta maneira, acredita-se que os artistas europeus que visitaram o Oriente, mesmo que de maneira inconsciente foram imbuídos de pré-requisitos acerca da história da civilização antiga, costumes e conhecimentos sobre o povo e as condições de vida daquela região. Neste caso, o orientalismo latente e manifesto podem ser aplicados a Eça pois ele viaja com a mente repleta de fantasias românticas sobre o Oriente, fruto de suas leituras preparatórias, ao mesmo tempo em que aplica todo esse conhecimento ao tomar notas de suas observações sobre o lugar e sua gente.

A narrativa dos *Relatos de viagem* denuncia um olhar oscilante entre o real e o imaginário. Acredita-se que a descrição da paisagem e da realidade social com a qual Eça se deparou no Oriente, tenha iniciado o escritor pelas sendas do realismo literário, pois, “com estas notas já aparece a sua capacidade de descobrir os aspectos reais do mundo através das suas aparências” (LINS, 1966, p. 32). Apesar de jovem, e de ainda nutrir um romantismo fantástico, Eça aponta com coerência a decadência aquele lugar, denunciando a ausência de uma estrutura social que comportasse toda aquela gente.

Assim, em quatro longos capítulos d’*O Egito*, há críticas de um lugar que ficou subordinado a uma política sanguinária e egoísta denunciando que a ação do homem alterou significativamente uma cultura milenarmente próspera e diversificada. As mesquitas, por exemplo, vistas por Eça, são descritas como um asilo de mendigos, abandonadas, com as suas paredes – que outrora eram ricamente ornamentadas por mosaicos –, espoliadas e com as grades de túmulos despedaçadas. O desencanto do romancista face a uma civilização que se esvaiu com o tempo e vem se desagregando com a série de disputas empreendidas pelo poderio colonial europeu encontra-se em vários fragmentos do *Egito*. E geralmente, quando a narração apresenta aspectos positivos da paisagem e da cultura locais, é através do passado mítico que este se elabora. Desta forma, observamos “o oscilar de Eça entre o presente, decadente/imundo e o passado, luminoso/fantasia” (OLIVEIRA, 2001, p. 248). Os seus *Relatos* são marcados por profundos paradoxos entre o ideal, fruto de um conhecimento intrinsecamente absorvido por longos anos de leitura, e a realidade, quando o romancista deixa transparecer as mazelas de um país marcado pela ruína econômica e social:

Como viajante, o narrador oscila entre o encantamento pela paisagem e a consciência crítica do civilizado experienciando novas culturas, novos modos de vida [...] À medida que os viajantes pisam em solo egípcio, uma inextricável mistura de ver-

dade e ficção passa a governar o relato: nota-se a tensão entre o elemento lendário e a realidade, de que é testemunha o viajante, cujo olhar opera a contaminação do Egito da fábula – que tem por modelo um Oriente convenientemente idealizado – com o Egito real [...] Percebe-se como o narrador oscila entre a imagem estereotipada veiculada pelas lendas e narrativas maravilhosas e a averiguação local da ruína e da decadência (OLIVEIRA, 1997, p. 700).

A paisagem oriental descrita nos *Relatos* de Eça de Queirós insere-se no **quadro paisagístico do vivenciado ou vivido** descrito pelo geógrafo alemão Gerhard Hard (1989) que identificou onze tipologias para a palavra Paisagem. Segundo Edvânia Torres Aguiar Gomes este conceito de paisagem citado por Hard “se relaciona em essência com o conceito de Paisagem dos cientistas literários, teóricos e historiadores da Arte [...] podendo ser reconhecido também nos relatos de viajantes e na literatura da geografia escolar” (1989, p. 125). Ao vivenciar sua experiência de jovem escritor por lugares como Alexandria, Cairo, Egito e Suez, Eça evoca recordações vitais para a confecção dos seus escritos posteriores, transcendendo os limites de um metódico e circunscrito diário de viagem para escrever suas impressões acerca do Oriente de forma que abrangesse algumas temáticas pertinentes àquele lugar. Entregando-se de fato, a “observações de caráter social e geográfico” (SIMÕES, 1973, p. 210), além de imprimir suas visões pessoais e imaginativas sobre todos os aspectos que sua mente vigorosa ia captando, a paisagem oriental descrita por Eça funciona, neste caso, como um instrumento de trabalho intelectual, corroborando para o aumento de escritos orientalistas no século XIX.

Partindo do pressuposto de que a paisagem funciona como uma **matriz cultural** resultando em uma construção subjetiva por parte do artista, Eça de Queirós serviu-se de sua própria experiência *in loco* para descrever o cenário oriental em suas obras segundo a sua perspectiva de olhar sobre o objeto analisado. Assim, “a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos [...] toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato (SANTOS, 1988, p. 62).

Além do romancista citar o evento da inauguração do Canal de Suez e a cidade de Port-Said, nota-se no livro *O Egito*, que o autor descreve também outras paisagens diferentes, como, por exemplo, o cotidiano do camponês egípcio nas proximidades do rio Nilo. Eça soube captar a miséria, o atraso da população e a falta de organização social quando visitou este lugar, afastando-se das grandes festividades da inauguração do Canal de Suez para “encontrar o felá e a miserável organização social do país” (LINS, 1966, p. 32). A descrição da paisagem desta parte do Egito é repleta de contrastes. Inicialmente o narrador começa a falar da beleza do Nilo, caracterizados pela água transparente, suas verduras cultiváveis e riqueza admirável. Ele tece considerações valiosas sobre a cultura milenar dos antigos povos que habitavam as margens do Nilo, para, logo a seguir, mudar o tom da escrita para algo mais real e negativo: a realidade do felá cuja miséria contrasta com a abundância perene no Nilo:

Todo trabalho das culturas é feito pelo felá. O felá não possui. Está na miserável condição de antigo servo feudal. Não cheguei nunca a esclarecer com nitidez esta tenebrosa questão de constituição da propriedade turca. Isso todavia deve estar escrito, analisado, comentado, contado, talvez fotografado [...] O felá trabalha, reza e paga. Não tem propriedade, nem liberdade, nem família. É inferior ao escravo [...] A sua casa tem três metros: é um espaço quadrado, nu, de Terra [...] Quando o felá envelhece, mendiga também ou então fica a um canto da cabana, imóvel, abandonado, esperando. Um dia é atirado, morto, à vala: a mulher acompanha-o, dando gritos agudos, torcendo os braços [...] É assim o felá (QUEIRÓS, 1946, p. 65 , 66 e 67).

As novidades do clima, do vestuário, da arquitetura, bem como das paisagens e dos costumes fizeram com que o romancista escrevesse compulsoriamente, pretendendo tudo anotar, observar e escrever com minúcia e algum realismo. Diga-se algum realismo, porque, ao mesmo tempo em que

vemos o jovem Eça descrever as vicissitudes do felá, por exemplo, o vemos também embevecido pelos palácios egípcios que ficaram guardados na memória de leitor das *Mil e uma noites*.

Indiscutivelmente, as descrições que o romancista fez sobre a diversidade de assuntos, imagens e tudo o que excitava a imaginação, foram transformando sua escrita em algo simples e ágil, capaz de captar perfeitamente o que o impressionava, produzindo, da sua experiência de viajante, um verdadeiro documento de seu tempo. As descrições sobre as ruas do Cairo, por exemplo, com as mesquitas, o ar sombrio, decadente e histórico são feitas de maneira direta, simples, quase coloquial. E no estudo da existência do felá, com sua rotina paupérrima, miserável e revoltante, o que interessa ao romancista é o caso típico da vida social, com seu significado coletivo, anunciando já o pendor realista.

A paisagem funciona no texto queirosiano como pano de fundo para suas indagações e reflexões a respeito da história de uma civilização antiga e diversificada. Acompanhando a transformação do tempo e da sociedade egípcia, o texto de Eça demonstra que a paisagem oriental não ficou inerte à ação do homem e de sua complexidade cultural, pois sendo “suscetível a mudanças irregulares ao longo do tempo [...], é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço” (SANTOS, 1988, p. 68). Amalgamando ficção e realidade, observa-se que os *Relatos de viagem*, apesar de serem escritos em tão pouco tempo, em uma estadia de pouco mais de dois meses, retrata o olhar de um português voltado para as realidades de sua época e ao mesmo tempo com a imaginação voltada para o passado histórico de suas leituras míticas. Assim a importância da viagem que Eça fez ao Oriente Médio deixou no espírito do romancista resquícios profundos pois, de regresso à sua terra natal, percebe-se que ele fixou suas anotações ao perpetuar, através da escrita, sua experiência⁴. O caráter de obra artística dos *Relatos de viagem* deve-se também à pena erudita do romancista, que soube aliar a descrição da realidade com referências de sua vasta bibliografia orientalista (SIMÕES, 1973, p. 208.)

Referências Bibliográficas

- [1] BHABHA, Homi. *O local da cultura*. 3 ed. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: EdUFMG, 2005.
- [2] CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Introdução à geografia cultural*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- [3] GOMES, Edvânia T; VASCONCELOS, Pedro & SILVA, Sylvio B. M (Orgs.). *Novos estudos da geografia urbana brasileira*. Salvador: EdUFBA, 1999.
- [4] LINS, Álvaro. *História literária de Eça de Queiroz*. 6 ed. Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1966.
- [5] OLIVEIRA, Maria Lúcia Wiltshire de. O Oriente como fonte de imaginação em Eça de Queirós. Em: *Os centenários: Eça, Freyre e Nobre*. SCARPELLI, Maria Fantini & OLIVEIRA, Paulo Mota (Orgs). Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001, p. 239-250.
- [6] OLIVERIA, Silvana Maria Pêsoa de. Riquezas rutilantes: o relato de *O Egito*, de Eça de Queirós. Em: *150 anos com Eça de Queirós. Anais do III encontro internacional de queirosianos*. São Paulo: FFLCH/USP, 1997, p. 697-703.
- [7] QUEIROZ, Eça de. *O Egipto. Notas de viagem*. Porto: Lello & Irmão, 1946, vol. 23.
- [8] QUEIROZ, Eça de. *Notas contemporâneas*. Porto: Lello & Irmão, 1951, vol. 13.

⁴ Além dos *Relatos de viagem* citado neste trabalho, observa-se na bibliografia queirosiana reflexos de sua viagem ao Oriente, com referências diretas em livros como *Os Maias*, *O primo Basílio*, *Lendas de santos*, *A correspondência de Fradique Mendes*, dentre outros.

- [9] QUEIROZ, Eça de. *Folhas soltas*. Porto: Lello & Irmão, 1986, vol. 4.
- [10] SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. 3 ed. Trad. de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- [11] SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: EdUSP, 1988.
- [12] SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Eça de Queirós*. Lisboa: Bertrand, 1973.